



VIDA BANCÁRIA

Orgão oficial da Associação dos Funcionários de Bancos do Estado de São Paulo

Presidenta: **Juvandia Moreira**

Director de Imprensa: **Ernesto Izumi** - Produção: **Secretaria de Imprensa**

ANNO 2013

Rua São Bento, 413, Centro-SP,
CEP 01011-100, telephone: 3188-5200

SÃO PAULO - ABRIL

EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 90 ANOS

NUM. 1

A CONQUISTA DA JORNADA DE SEIS HORAS

Em 16 de abril deste ano, o Sindicato completa 90 anos de história. Alguns dos fatos mais marcantes dessas nove décadas de trajetória da entidade confundem-se com a história do país, como a luta pelo fortalecimento da democracia, por inclusão social e pela ampliação de direitos à classe trabalhadora.

Esta é a primeira publicação do Sindicato a celebrar a data. Serão sete edições que remetem aos veículos de comunicação da entidade, à época retratada na linha do tempo das páginas centrais. Nesta primeira edição, o *Vida Bancária* – que circulou entre 1924 e 1939 – relata o período em que os trabalhadores da categoria iniciaram sua organização e conquistaram a jornada de seis horas.

Essa história teve início na década de 1920. São Paulo tinha cerca de 500 mil habitantes, sendo 1.800 trabalhadores em estabelecimentos bancários, quando se abriu o debate sobre a criação de uma entidade que representasse a categoria. E assim aconteceu naquele 16 de abril de 1923. Com estatuto aprovado e primeira diretoria eleita, nascia a Associação dos Funcionários de Bancos do Estado de São Paulo, a primeira do país.

A entidade buscava se credenciar junto aos bancários e criar uma identidade própria, pois, naquele período, muitos trabalhadores entendiam-se como comerciários. Então, para criar proximidade, a atuação da Associação nos primeiros anos caracterizou-se por manter atividades instrutivas e recreativas para a categoria, desvinculadas de qualquer orientação política.

Os banqueiros, em sua maioria, provinham da aristocracia rural paulista e geralmente exerciam uma administração paternalista, onde o carreirismo e a lealdade aos patrões era a norma. Daí a dificuldade, em um primeiro momento, de se rebelar e exigir direitos, como o pagamento da hora extra noturna, frequente naquela época.

Em 1930, o golpe que colocou Getúlio Vargas na Presidência da República atinge a autonomia da oligarquia paulista e, conseqüentemente, os banqueiros de São Paulo. A princípio, nada muda na organização dos trabalhadores. Porém, o novo cenário despertará o início da reação da categoria e a primeira greve dos bancários é deflagrada, em 1932.

Em abril, os funcionários do Banco do Estado de São Paulo, da capital e de Santos, paralisam suas atividades. Quatro razões os motivaram a cruzar os braços:

supressão de gratificações semestrais no valor de três salários; fim do abono de 5% depois de cinco anos de serviço; demissão de trabalhadores que não estavam recuperados após o fim da licença de saúde; e o valor das horas extras noturnas. A greve dura dois dias e é vitoriosa.

Nesse mesmo ano começa a luta pela jornada de seis horas, conquista que marcou a década de 1930 e está enraizada na vida dos bancários até hoje. Naquele período, o dia de trabalho ia das 9h às 18h, muitas vezes se estendendo até a madrugada e sem recebimentos extras. Essa realidade foi modificada em 1933, quando, em novembro, foi conquistada a redução da jornada para seis horas diárias.

A batalha foi dura e nem todas as reivindicações foram atendidas, o que revoltou muitos trabalhadores e a diretoria da entidade. Passados 80 anos da conquista, o movimento travado naquele período deixou uma herança vitoriosa aos bancários.

Com a modernização dos bancos nas décadas seguintes, o processo de superposição de funções e acúmulo de trabalho tomou conta da rotina da categoria. Por isso, até hoje a batalha pelo respeito à jornada de seis horas continua, fruto da luta travada pelos bancários na década de 1930.

APOSENTADORIA

Em 1934, o Brasil vive uma ebulição de movimentos organizados de trabalhadores, que culmina em uma nova greve da categoria bancária, dessa vez em âmbito nacional. O movimento reivindicava aposentadoria aos 30 anos de serviço e 50 de idade, estabilidade no emprego a par-

tir de um ano e criação de caixa única de aposentadoria.

Os trabalhadores saem vitoriosos e os bancários conquistam seu Instituto de Aposentadorias e Pensões (IAPB), que terá papel fundamental para que o Sindicato crie condições de atuação no que diz respeito à saúde do trabalhador (*leia mais no box da página 3*).

AUTONOMIA

Ainda em 1934, Getúlio Vargas é eleito presidente da República pelo Congresso Nacional e decreta uma lei que acaba com a autonomia dos sindicatos. Os bancários veem-se obrigados a reformular seus estatutos para adequá-los às normas ditadas pelo Estado.

No ano seguinte, a cena política e social brasileira fica ainda mais conturbada. Bancários e outros trabalhadores organizados questionam a atuação dos representantes classistas no parlamento, que consideram representar os interesses da burguesia, e buscam união entre as organizações sindicais para lutar, dentre outras bandeiras, contra a intromissão do Ministério do Trabalho na autonomia sindical.

Por conta disso, o Sindicato sofre intervenção federal, e, em 1936, inaugura-se uma nova fase em sua história, marcada por uma atuação conciliadora com o governo. A maior preocupação era legalizar a entidade. E as lutas agora eram feitas por meio da esfera judicial.

ESTADO NOVO

Em 1937, Vargas decreta o Estado Novo, fechando o Congresso Nacional e outorgando nova Constituição, inspirada nos

moldes da legislação fascista polonesa. Sob esse pano de fundo, em 1939, o Sindicato sofre sua segunda intervenção e se funde ao Sindicato de Funcionários Bancários de São Paulo (conhecido como Syn-diké), entidade que representava principalmente os altos funcionários dos bancos.

A medida teve o objetivo de eliminar o pluralismo sindical e obrigar a aceitação das novas regras fixadas pelo governo, que submetia ainda mais os sindicatos ao poder estatal. Alguns bancários, principalmente os mais combativos das greves de 1932 e 1934, tiveram a prisão decretada.

Em 1941, uma nova diretoria é empossada no Sindicato. Ela ficou marcada pela pouca combatividade diante do fechamento de bancos italianos e alemães, ocorrido na esteira do anti-nazifascismo vigente durante aquela época.

Getúlio Vargas, contrariando a orientação fascista do Estado Novo, opta por apoiar os aliados na Segunda Guerra Mundial. Os movimentos democratizantes aproveitam-se do contrassenso para começar a exigir mudanças estruturais na política e na sociedade.

Em 1944, é criado o Centro Democrático dos Bancários, que, em sua declaração de princípios, ressalta, entre outras questões, a defesa de conquistas como a jornada de seis horas, estabilidade, aposentadoria, além da luta pela liberdade e autonomia sindicais, por meio da revogação da legislação trabalhista. Princípios esses que, décadas mais tarde, ajudariam a fundar a Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Em 1945, termina a Segunda Guerra Mundial, com vitória



OSVALDO VILALVA DE ARAÚJO

Presidente do Sindicato na conquista das 6 horas

das forças aliadas. No Brasil, esse fato intensifica o movimento pela democracia, com campanhas por mais liberdade política e autonomia na organização dos trabalhadores.

CONSTITUINTE

Em outubro, Vargas é deposto pelos militares. São mantidas eleições presidenciais e para a Constituinte, que se instala no começo de 1946 e em setembro do mesmo ano entrega ao país uma carta com consideráveis avanços democráticos, mas que mantém intacta a antiga organização sindical de cunho corporativista.

A partir daí, uma nova fase se inicia na luta dos bancários, a exemplo da busca pelo salário mínimo nacional da categoria.

Essa história continua, sempre na busca de mais justiça social e com a forte atuação dos bancários.



Mobilização durante a greve de 1934. Os bancários iam em passeata a todos os jornais para levar diretamente à imprensa suas reivindicações



FORTALECENDO A DEMOCRACIA

LINHA DO TEMPO (1923-1945)

Alguns dos fatos mais marcantes da trajetória do Sindicato serão retratados em uma linha do tempo, dividida entre as sete edições comemorativas dos 90 anos. Esta primeira aborda o período que vai de 1923 a 1945. Conta a história da entidade desde a sua fundação até as primeiras greves da categoria, em busca de direitos como a jornada de seis horas. No que diz respeito ao fortalecimento da democracia no país, a luta era contra o Estado Novo, em 1945, cujo fim resultou em uma nova Constituinte, com consideráveis avanços democráticos.

1929

Crack da bolsa de Nova York

1924

Criado o clube bancário e o jornal *Vida Bancária*



1931

Compra da primeira sede própria, na Rua Conselheiro Furtado



1931

Vargas cria o Ministério do Trabalho e inicia uma política intervencionista na organização dos trabalhadores, o que, em 1936, resultará na intervenção do governo no Sindicato. A Lei 19.770 transforma sindicatos em instituições de direitos. Na foto, Vargas visita o Sindicato

1932

Estoura em 9 de julho a Revolução Constitucionalista. Os paulistas, insatisfeitos com Getúlio Vargas, exigiam a elaboração de uma nova Constituição e a convocação de eleições para presidentes como forma de a oligarquia paulista voltar ao poder. Ao lado da foto, salvo conduto expedido pelos revoltosos para entrar em São Paulo



1934

Greve nacional é deflagrada em julho, com aprovação de 1.200 bancários (foto) e duração de três dias. A paralisação deu resultado: foi criado o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Bancários (IAPB) e é um marco na conquista da história da categoria

1934

Getúlio Vargas é eleito presidente da República pelo Congresso Nacional



1942

Brasil apoia os aliados na Segunda Guerra Mundial. Sindicato aderiu ao movimento, participando de uma campanha que comprou um avião, doado ao Ministério da Aeronáutica

1937

O Congresso Nacional é fechado e é instaurado o Estado Novo. Vargas passa a legislar por meio de decretos-lei

1943

Toda legislação social e trabalhista é reunida na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que até hoje regulamenta relações entre patrões e trabalhadores

• SAÚDE DO TRABALHADOR •

Desde a fundação, em 1923, o Sindicato se preocupa com a saúde e as condições de trabalho. Não por acaso, em 1935, através do Instituto de Aposentadorias e Pensões (IAPB), foi realizado um trabalho preventivo e de tratamento da tuberculose. Em 1948, o Sanatório Santo Antônio foi inaugurado na zona norte de São Paulo, justamente para o tratamento dos bancários adoecidos com tuberculose, vítimas de ambientes de trabalho impróprios, jornadas extensas e tempo limitado para as refeições. Atualmente, depressão, estresse, lesões por esforço repetitivo, entre outras doenças ocupacionais, são o que acometem os bancários na rotina angustiante de pressão para atingir as metas abusivas.



1923

Surge a Associação dos Funcionários de Bancos do estado de São Paulo. Na assembleia em que foi aprovada a criação e o estatuto da entidade, estiveram presentes 84 bancários. O palacete Baruel (foto) abrigou a primeira sede, no centro da capital

1930

Getúlio Vargas assume a Presidência da República, fecha o Congresso Nacional e nomeia interventores para os estados. O golpe atinge a autonomia da oligarquia paulista. Abaixo, manifestação no Centro



1932

Nasce o boletim *O Bancário*, que se dizia "órgão real de defesa da classe dos infelizes proletários de colarinho e gravata". Editado por um grupo de oposição, a publicação marca o início da reação da categoria, com a defesa da uniformidade do horário de trabalho, aposentadoria, participação nos lucros, contrato coletivo de trabalho e jornada de seis horas



1933

A Associação se torna Sindicato dos Bancários de São Paulo

1932

No dia 18 de abril é deflagrada a primeira greve dos bancários. Supressão de gratificações e demissão de funcionários, além da exigência da hora extra noturna, motivaram a paralisação, que ocorreu em frente do banco do estado de SP (foto)



1935

É aprovada a Lei de Segurança Nacional, com forte repressão aos grupos de esquerda. Bancários desencadeiam luta pelo salário mínimo nacional da categoria

SUPERINTENDÊNCIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

DECRETO Nº 1.402, de 18 de Abril de 1935.

Art. 1º - Fica instituído o salário mínimo nacional para os empregados de qualquer natureza que exercem suas atividades em estabelecimentos comerciais, industriais, agrícolas, pecuários, de serviços, etc., em todo o território nacional, com base no valor de 100 (cem) cruzeiros por mês, mais o adicional de 20% (vinte por cento) para os empregados de caráter sazonal ou temporário, e o adicional de 10% (dez por cento) para os empregados de caráter permanente, e a sua aplicação se fará em virtude do estado de guerra declarado pelo governo da República.

Art. 2º - O presente decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - O presente decreto não se aplica aos empregados de caráter sazonal ou temporário, e aos empregados de caráter permanente, e a sua aplicação se fará em virtude do estado de guerra declarado pelo governo da República.

Art. 4º - O presente decreto não se aplica aos empregados de caráter sazonal ou temporário, e aos empregados de caráter permanente, e a sua aplicação se fará em virtude do estado de guerra declarado pelo governo da República.

Art. 5º - O presente decreto não se aplica aos empregados de caráter sazonal ou temporário, e aos empregados de caráter permanente, e a sua aplicação se fará em virtude do estado de guerra declarado pelo governo da República.

1939

Uma junta provisória assume o comando do Sindicato. A medida teve o objetivo de impor as novas regras da Lei 1.402, que submetia ainda mais os sindicatos ao poder estatal. Relatório do Dops (imagem) pedia prisão de bancários

1945

Acaba a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, o Estado Novo cai e a democracia é instaurada por um período que perduraria até o golpe militar de 1964. No Sindicato, é retomado o caminho construído em 1934/35 e que foi interrompido com a intervenção do governo

1944

É criado o Centro Democrático dos Bancários, que dentre seus princípios mantém a defesa das conquistas, como jornada de seis horas, estabilidade, aposentadoria, além da luta pela liberdade e autonomia sindicais

PAIXÃO PELA LUTA SINDICAL É O QUE CONSTRÓI A HISTÓRIA



Ainda na década de 1950, um jovem vistoso e animado prepara-se para frequentar os charmosos bailes do sétimo andar do edifício Martinelli, na sede do Sindicato. A entrada era permitida somente aos bancários sindicalizados e ele era estafeta, assim eram chamados os office boys à época. Entrar para a categoria, no caso para curtir a domingueira dançante, se tornaria um dos maiores feitos da sua vida.

O jovem era Nelson Silva, que se tornaria um dos grandes dirigentes da história do Sindicato. Ele conseguiu o trabalho no banco Irmãos Guimarães, voltou ao baile outro dia, e daí em diante, a vida foi uma mistura de paixão pela luta sindical e amor pela boemia. "Fui fazer a entrevista. Gostaram de mim e falei: 'e aí, começamos amanhã?'. Me perguntaram se eu tinha terno, gravata. E eu não tinha. Ele disse, 'ah, pede pra algum amigo!'. Sei que vesti o ternão e me apresentei na agência. A molecada já fez um samba quando eu entrei: 'engole ele, engole ele paletó, engole ele paletó!'. E eu pensei... 'faltam 15 dias para o pagamento e eu vou ter de aguentar isso aqui'. Primeiro salário, fui no brechó e comprei o terno mais bonito."

Durante um bom tempo, foi em um brechó próximo à Praça do Correio, ao lado do Vale do Anhangabá,

que Nelson Silva comprou seus ternos. Daí em diante, durante toda sua carreira sindical, reforça que sempre se vestiu como bancário para falar com funcionários da categoria e banqueiros. Os sapatos eram comprados na loja Globo, que também ficava na região central.

A elegância foi parar nas telas de cinema. Amante da sétima arte, participou do filme *Da Terra Nasce o Ódio*, em 1954, mas lembra que o papel era secundário. "Era um papel sem vergonha aí, não falava nada." O filme pode ser visto na íntegra no YouTube. "Hoje em dia, cada esquina tem um boteco. Naquela época, cada esquina tinha um cinema", comenta.

Aos 73 anos, Nelson não apenas lembra inúmeras histórias de luta ou de festa, mas detalha e parece reviver cada momento. "O Sindicato não parecia em nada com o que é hoje. Tinha um presidente, um tesoureiro e mais um funcionário. Eram três pessoas que comandavam tudo e ficava no sétimo andar do Martinelli", retrata, referindo-se aos anos 1970, uma das quase cinco décadas em que esteve ao lado da luta dos trabalhadores.

Entre as recordações mais engraçadas estão as aventuras de Dick Silva, seu cachorro. Ainda no banco Irmãos Guimarães, Nelson não sabia o que fazer com o bicho de estimação que lhe foi dado de presente de

casamento. Sua mulher passou-lhe a responsabilidade e ele não viu outra saída senão levar Dick ao trabalho. "Peguei o trem da Cantareira, que ficava próximo ao Mercado Municipal, com ele no colo. Cheguei no banco, me perguntaram: O que é isso? Eu falei, 'mas será que vocês nunca viram um cachorro?'. 'Mas dentro do banco, não!'. E eu disse: 'Não! No meu cachorro ninguém mexe!'. Ele corria pra cima e pra baixo dentro da agência. Eu era chefe de conta corrente, e o cara perguntava o saldo, eu ia e o cachorro ia atrás de mim."

Segundo Nelson, Dick Silva foi preso com ele várias vezes na época da ditadura militar. Com bom humor, ele considerava que o cachorro também era membro do PC (Partido Comunista). Diante das detenções, mal consegue explicar como se safou inúmeras vezes das torturas praticadas à época, principalmente contra jovens considerados rebeldes, militantes políticos. "Conheci muita gente que foi torturada. Em uma situação, um amigo me disse que o Brilhante Ustra queria me ver. Fiquei esperando no DOI-Codi o dia inteiro, ouvindo os gritos de tortura de quem estava lá. No fim do dia o tenente chegou. Para meu alívio, estava atrás era de outro Nelson."

Mesmo no período da repressão, Nelson não deixou

de estar ao lado do Sindicato. De dirigente a funcionário da entidade, deu vida a dezenas de personagens para levar às ruas de São Paulo e de Osasco as reivindicações dos trabalhadores, as denúncias por uma sociedade melhor. Juiz, advogado, apresentador de TV, padre e até defunto, foi de tudo um pouco para fazer valer os direitos dos trabalhadores. "Achava que precisava ter uma participação bem maior, o que incluía até deixar a família de lado pela causa sindical." Só deixou a entidade no término da gestão do presidente João Vaccari, em 2004.

Quem não conheceu Nelson Silva em seus tempos de luta pela categoria bancária, talvez tenha tido o prazer de encontrá-lo em uma de suas visitas frequentes ao Sindicato nos dias atuais. Além da fantástica memória, guarda incríveis lembranças numa pasta com cópias de notícias em jornais e fotos de sua trajetória que ele faz questão de organizar começando por uma fotografia em que aparece abraçado com o ex-presidente Lula e outra ao lado do "cavaleiro da esperança", Luís Carlos Prestes (ao lado).

Nelson Silva é um símbolo dos muitos personagens fundamentais da história do Sindicato, em defesa dos trabalhadores, dos avanços da cidadania e pelo fortalecimento da democracia.



Nelson "fundou" semáforo no Centro para travessia de bancários



90 ANOS FORTALECENDO A DEMOCRACIA

A presidenta do Sindicato inaugura a série de entrevistas da *FB Especial*, fala da força dessa história de nove décadas e da importância da entidade, onde o dirigente “aprende que tem de desconstruir a ordem vigente e construir uma nova ordem mais justa, fraterna e igualitária”

Há 22 anos, Juvandia Moreira, baiana de Nova Soure, deixava sua cidade para morar na maior capital do país. Em São Paulo, formou-se em direito, ingressou no Bradesco e passou a militar no movimento sindical bancário.

Em 1997, no auge do período neoliberal, tornou-se diretora do Sindicato. Aprendeu e cresceu nessa trajetória de luta que se traduz na importância de estar à frente de um dos maiores e mais importantes sindicatos do mundo como a primeira mulher a presidir a entidade em nove décadas de existência.

Qual a importância desse resgate feito pelo Sindicato para compreender esses 90 anos de história da entidade?

O exercício de reconstituir o passado é uma forma de entender o presente e de nos orientar para a construção do futuro. Tem muita gente nova na categoria que não conhece a história dos bancários e é fundamental conhecer. A importância, por exemplo, de saber que a conquista da participação nos lucros e resultados é fruto de uma campanha salarial e não uma benesse que o banco deu. O bancário chega ao banco e tem plano de saúde, vales refeição e alimentação, mas não sabe de onde veio isso. Se ele não souber que isso foi resultado de luta e organização, não vai se organizar também para lutar por novas conquistas.

E quando vamos conhecer os pormenores da história vemos que ela é muito bonita, fruto de muita luta e conquista não só para os bancários, mas para todos os trabalhadores. São várias as lutas em que o Sindicato foi protagonista, organizando não só os bancários, mas a sociedade também. Muitas das nossas mobilizações acabaram virando gerais, a exemplo da nossa luta por uma nova Constituinte, pelas Diretas Já e pela democratização do nosso país. É fundamental resgatar a história para que seja eternizada em nossas memórias e para que oriente o caminhar das futuras gerações.

Qual a importância do Sindicato para você?

O Sindicato é uma escola de formação, uma escola de vida. A gente aprende a ver a vida de outra maneira, aprendemos a ter responsabilidade, compromisso e organização de classe. Aqui a gente olha para a classe trabalhadora como um todo, assim como olhamos para os problemas do país. No Sindicato você aprende que tem de desconstruir a ordem vi-

gente e construir uma nova ordem mais justa, fraterna e igualitária. Aprendemos a construir uma nova compreensão de mundo.

Foi no Sindicato que aprendi a ter uma nova relação com a rua. É como se você se sentisse em casa estando na rua. A gente vai fazer protesto, sardinhada, manifestação e tem muita gente que não olha isso de uma maneira natural. E a rua tem de ser do povo. As pessoas precisam olhar e entender que são outras pessoas lutando para mudar as coisas. Pessoas que não estão se calando diante das injustiças.

Você entrou para o Sindicato no período em que a política neoliberal estava no auge e os trabalhadores protagonizavam a resistência para que direitos não fossem retirados. Qual é a diferença de fazer sindicalismo naquele período em comparação à última década?

Quando entrei para o Sindicato, em 1997, enfrentávamos um desemprego altíssimo, com o país afogado em uma dívida pública grande, atrelado ao FMI e com uma política recessiva. Isso se dava com as privatizações, flexibilização de direitos, aumentava a desigualdade. E a gente travava uma luta de resistência. Mesmo nessa conjuntura desfavorável, tentava ampliar direitos. Quando eu entrei, por exemplo, os bancos públicos tinham reajuste zero. Era bem o auge dessa política no Banco do Brasil e na Caixa, sem contar o risco da privatização desses bancos.

Era um período bem difícil. De vez em quando batia um desânimo, pois íamos ao local de trabalho, fazíamos um esforço grande e a assembleia ficava esvaziada, porque os bancários tinham medo de participar. Mas não desistíamos, pensávamos: é isso aí, é a luta. Por isso muitas vezes íamos ao local de trabalho fazer as assembleias.

Esse quadro se reverte somente quando o primeiro presidente oriundo da classe trabalhadora assume o país. Acho que os problemas hoje são outros, o cenário é outro. A quadra fica lotada, bem diferente do que ocorria na década passada. Hoje nós temos o patamar de desemprego mais baixo da história e os trabalhadores conquistam a cada ano aumento real de salário. Esse governo atual é de coalizão, mas nos possibilita fazer a luta, inclusive realizamos greve praticamente todo ano.

Antigamente, a pauta do BB e da Caixa era entregue ao porteiro no estacionamento, pois a direção não recebia e não tinha mesa de negociação. E isso se inverte. Hoje participamos de negociação e



JUVANDIA MOREIRA
Presidenta do Sindicato

tivemos a grande conquista que foi a unificação da campanha da categoria entre bancos públicos e privados, o que nos tornou mais fortes e protegidos.

A pauta é de ampliação de direitos. Ou seja, nem discutimos inflação, e sim aumento real de salário. Antes, os reajustes eram abaixo da inflação e há vários anos estamos tendo aumento real. Por isso, nós temos que fazer a nossa parte sempre: organizar os trabalhadores, prepará-los para a luta e negociar. Mas é importante ter clareza: os trabalhadores não conseguem nada em uma canetada, têm de fazer a luta.

Você tem o desafio de ser a primeira mulher a presidir o Sindicato, além de suceder presidentes que se tornaram lideranças nacionais. Como é para você estar à frente de uma entidade tão respeitada nesses 90 anos?

É muito importante para as mulheres ter uma mulher assumindo a presidência da entidade. Isso é muito significativo, assim como é muito significativo termos uma mulher na Presidência da República pela primeira vez. Nós sempre tivemos mulheres competentes e capazes de assumir esses postos, mas há discriminação.

Nós mulheres tivemos que lutar muito para entrar no mercado de trabalho, para ocupar postos im-

portantes. E continua a luta para a construção de uma sociedade em que a mulher não esteja relegada à vida privada, para ter igualdade salarial. Então, é muito importante ter uma mulher na presidência do Sindicato e com grande responsabilidade para suceder pessoas tão importantes, que tiveram um grande comprometimento com os bancários.

Como você enxerga os desafios a serem enfrentados pela categoria?

Não dá para pensar a categoria bancária hoje sem dialogar com os comerciários. Esse é um grande desafio para nós daqui para frente. Por conta da figura do correspondente bancário, nós temos que fazer a nossa organização ajudando a fortalecer os comerciários. É uma forma de evitar com que os bancos precarizem a organização dos trabalhadores e terceirizem através do correspondente no setor de comércio, como eles têm feito.

Outro grande desafio é manter nossa política de aumento real e de ampliação na participação nos lucros e resultados. Há muitos anos os bancos ganham muito e isso tem de ser mais bem distribuído. A gente avançou muito na PLR, mas ainda acho que temos de avançar mais.

Além disso, precisamos nos enxergar como classe. A luta de uma categoria hoje pode ser a luta de

todos os trabalhadores amanhã. Por exemplo, por que é tão importante reduzir a jornada de 44 horas semanais para 40 horas, conforme reivindicação da CUT? Porque a categoria bancária conquistou a jornada de 30 horas e os outros ainda trabalham 44, e se não ajudarmos a reduzir, nós vamos sofrer ataques à nossa jornada, como temos sofrido.

É a busca pela qualidade de vida, papel do Sindicato Cidadão?

Sim. As pessoas não podem só viver em função do trabalho. É preciso que tenham tempo para a família, lazer, estudo. Se não distribuirmos a riqueza que produzimos para proporcionar qualidade de vida para todos e não apenas meia dúzia de pessoas, vamos precarizar o todo. O que ganhamos com a tecnologia tem de servir também para proporcionar qualidade de vida às pessoas e não servir apenas para enriquecer os patrões.

Por fim, o Sindicato não pode achar que vai resolver a vida dos bancários somente na mesa de negociação. É preciso interferir na cidade, no estado e no país onde moramos, pois essas questões interferem na vida dos trabalhadores. Para além da luta por melhores condições de trabalho e salário, é preciso interferir no país onde vivemos. E o Sindicato faz isso historicamente.